

AGOSTO VERDE CLARO

Campanha incentiva a busca por diagnóstico precoce do linfoma

PARÁ - Sespa já registrou 49 casos de janeiro a julho deste ano. Autoexame pode ser determinante para o sucesso do tratamento.

CAMILA AZEVEDO
DA REDAÇÃO

Os casos de câncer no sistema linfático, mais conhecido como linfoma, registrados no Pará de janeiro a agosto de 2022 já somam 49, sendo 26% do total de 2021, quando a Secretaria de Saúde Pública do Pará (Sespa) contabilizou 188 pessoas com a doença. Para evitar o aumento destes números, a campanha Agosto Verde Claro tem o objetivo de conscientizar a população sobre a importância do diagnóstico precoce, que pode ser determinante para o desenvolvimento de um bom tratamento.

O linfoma é uma doença genética maligna em que ocorre alteração no DNA, ou seja, as células começam a se multiplicar de forma desenfreada, e é considerado um dos dez tipos de câncer mais incidentes em homens e mulheres, conforme o Instituto do Câncer (Inca). A entidade aponta que cerca de 14,5 mil casos devem ser diagnosticados no país neste ano. A patologia não é hereditária, não passa de pai para filho, mas existem fatores de risco que aumentam a predisposição ao aparecimento, como a grande exposição à radiação.

O primeiro indicativo para o paciente buscar ajuda médica é o surgimento de gânglios pelo corpo, na região do pescoço, axilas e, até, na virilha. A médica hematologista Giovanna Ghelfond explica que, além disso, é necessário ficar alerta a outros sintomas. "Existem os que a gente chama de sintomas B, que seria a febre, perda de peso inexplicável, com mais de 10% do peso do paciente, e sudorese noturna, que é aquele suor excessivo de forma desproporcional", lista a especialista.

O autoexame é indicado pela médica como uma forma de ter atenção ao corpo e ao que ele pode estar apresentando, estando entre as opções que levam a pessoa a procurar atendimento. "Se percebe, veja se tem algo diferente no seu corpo, tudo aquilo que é estranho e que persiste, não desaparece e começa a ter um aumento progressivo precisa procurar ajuda médica, porque pode ser algo estranho, uma doença", afirma Giovanna.

Os gânglios podem ser confundidos com uma dor de garganta ou algum outro tipo de infecção, levando o paciente à automedicação. Foi o que fez o bancário de 26 anos Jorge Lucas, que convive com os sintomas da doença desde agosto de 2021. Ele usou analgésicos e antitérmicos para aliviar as fortes dores de garganta e febre que sentia, mas a presença da língua no pescoço já era um fator que denunciava a existência de algo a mais. "Eu comecei a sentir alguns sintomas característicos, suor noturno, perda de peso. Não sou adepto a atividades físicas, então me causava estranheza perder muito peso sem praticar algum tipo regular de exercício físico. O gânglio apareceu primeiramente de um lado, começou pequeno, mas foi crescendo", conta.

O resultado do exame veio em dezembro do mesmo ano, após uma série de exames e biópsia com a coleta do material. Mesmo com as dificuldades que o tratamento pode apresentar, Jorge não se deixou abalar e buscou forças na fé e na família. Atualmente, a doença está em fase de remissão, o que é motivo para comemorar: "O que eu sempre tive como norte é que a gente tem que encarar a doença de frente, encarar o tratamento e não fugir ou achar que é o fim de tudo. Pelo contrário, achei que seria o início da minha cura, da minha recuperação".

O tratamento depende do tipo de linfoma. Normalmente, é à base de quimioterapia e radioterapia. Dependendo do estado da doença, a pessoa pode se beneficiar do transplante de medula óssea.

A hematologista destaca algumas situações que tornam mais propício, não só o aparecimento do linfoma, mas como aos demais tipos de câncer: "Exposição a radiação, produtos químicos, tabagismo, infecções virais, como o HIV, o vírus da mononucleose, podem realmente predispor um quadro de linfoma com mais prevalência", finaliza.

população de adolescentes e adultos jovens (15 a 29 anos), adultos (30 a 39 anos) e idosos (75 anos ou mais), se caracterizando por ser espalhando de forma ordenada nos vasos linfáticos;

► **Linfoma não Hodgking:** não há uma ordenação das células malignas ao se espalharem pelo organismo e é mais comum ser visto em pacientes mais velhos, acima de 50 anos.

VEJA MAIS

Use a câmera do seu celular para acessar o conteúdo multimídia.



VISITA



O advogado **Francelino Neto** em visita ao jornal O LIBERAL. Ele foi recebido pela diretora Comercial **Rose Maiorana**.

INSEMINAÇÃO CASEIRA

Cresce número de pessoas no País que tentam engravidar com o procedimento

SÃO PAULO
Agência Estado

Todos os dias, notícias de alguém que está tentando engravidar ou conseguiu resultado positivo por meio de um método pouco convencional surgem em grupos com centenas de participantes no Facebook e no WhatsApp. A inseminação caseira, forma escolhida para ter o bebê, não é recomendada por médicos, traz riscos à saúde, mas cresce impulsionada pela crise econômica e pelas redes sociais.

O tema chegou à Justiça: nos últimos meses, tribunais em várias partes do Brasil divulgaram decisões sobre o registro de bebês nascidos por meio da inseminação feita em casa, sem relação sexual. Casais homoafetivos formados por mulheres que querem ter filhos, mas não podem pagar pela inseminação artificial, são os que mais buscam o procedimento.

O método também é usado, em menor número, por casais heterossexuais, em que o homem tem problema de fertilidade ou por solteiras que desejam ter filhos, mas não têm parceiros nem dinheiro para pagar pelo procedimento de inseminação em clínica. A inseminação caseira é uma forma de engravidar sem sexo ou ajuda de médicos. O casal busca um doador de sêmen, que faz a coleta do esperma. O material genético é então colocado em uma seringa e injetado no corpo pela mulher que deseja engravidar. Entre os riscos da prática, estão o de infecção e transmissão de doenças.

A gerente de restaurante Tatiane Maria dos Prazeres, de 35 anos, engravidou em agosto de 2021. Ela e a companheira, a enfermeira Thaiza Souza, de 28, queriam ter um bebê, mas não podiam pagar os R\$ 12 mil cobrados por uma clínica de reprodução assistida. Entraram em contato com um homem - já conhecido na internet por fazer doação de sêmen. "Ele ia até a nossa casa e só cobrava a gasolina", conta Tatiane. Em um banheiro, o doador coletava o sêmen e, em seguida, entregava a seringa cheia às mulheres, que faziam a inseminação no quarto. Não havia, afirma, qualquer contato físico entre o homem e elas. O procedimento se repetiu três dias seguidos - Tatiane engravidou e a bebê nasceu em abril.

Uma comunidade no Facebook já reúne mais de 40 mil participantes. Há ainda grupos no WhatsApp com dezenas de contatos e até contas no TikTok e no Instagram criadas tanto por doadores de sêmen quanto por mulheres que tiveram seus filhos por inseminação caseira. Os resultados positivos de uns acabam encorajando outros casais. É comum que doadores de sêmen experientes - e com altas taxas de gravidez - sejam mais requisitados. Doadores dizem ter a intenção apenas de ajudar as mulheres. De modo geral, afirmam que não reconhecem as crianças

como seus filhos nem desejam reivindicar a paternidade. Casais que procuram esses doadores também dizem querer evitar vínculos futuros. Os acordos são feitos em conversas informais ou, em alguns casos, pela assinatura de termos de compromisso em papel, sem validade jurídica.

A inseminação caseira não é amparada por nenhuma legislação no Brasil. Não há, portanto, regra que proíba a prática. Já a cobrança pelo material genético é vetada pelo Conselho Federal de Medicina (CFM). Homens que fazem a doação afirmam só pedir auxílio com custos do deslocamento ou exames solicitados pelos casais antes da inseminação, como testes de HIV e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Em grupos nas redes sociais, porém, há relatos de mulheres que foram surpreendidas por homens que se apresentavam como doadores, mas queriam cobrar pelo sêmen ou pretendiam forçar a relação sexual. As "tentantes", como são chamadas as mulheres que querem engravidar, buscam alertar umas às outras sobre "falsos doadores".

JUDICIALIZAÇÃO

Justamente por não estar prevista em nenhuma norma, a inseminação caseira tem sido debatida na Justiça. Os casos levados aos tribunais dizem respeito ao registro das crianças nascidas nessas condições: afinal, esses bebês devem ser registrados com os nomes de quem? A Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen) explica que não há lei prevendo o registro em caso de inseminação caseira.

Quando o casal que fez a inseminação caseira é de duas mulheres, cria-se um imbróglio no cartório: uma regra do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) determina a apresentação de laudo da clínica de fertilização - o que elas não têm. A filha de Tatiane, por exemplo, foi registrada só com o nome dela. No cartório, não foi possível incluir o registro de Thaiza e agora o casal pretende entrar com ação para conseguir a dupla maternidade.

Casos assim têm se tornado frequentes, segundo o Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM), que apontou, em parecer de maio ao CNJ, sobrecarga no Judiciário para garantir o direito ao registro no caso de inseminação caseira. O instituto pede ao Conselho Nacional de Justiça a revogação da exigência de documento da clínica de reprodução assistida para registrar a criança em cartório.

O CNJ não tem prazo para decidir sobre isso, mas pediu posicionamento de outras entidades. A Associação de Direito de Família e das Sucessões (ADFAS) se manifestou, no mês passado, contrária por entender que o fim da exigência de laudo incentivaria a inseminação caseira, o que é prejudicial à saúde coletiva.

Tipos de linfomas

Em geral, os sintomas de um tipo e de outro são bem semelhantes, havendo mudanças na faixa etárias em que eles predominam e no tipo de organização das células do corpo humano

► **Linfoma de Hodgking:** mais comum na



Jorge Lucas comemora a fase de remissão com a médica Giovanna Ghelfond

THIAGO COMFES/O LIBERAL